

# CRONOLOGIA - 1914

## PORTUGAL E A GRANDE GUERRA

**Autor: António Telo**

**NOTA:** Os sublinhados indicam acontecimentos que envolvem Portugal.

As opiniões expressas são da exclusiva responsabilidade do autor.

### ANTECEDENTES

1882 – A Alemanha, a Áustria-Hungria e a Itália assinam a Tríplice Aliança.

1891 – Entendimento entre a França e a Rússia, como resposta à tríplice aliança.

1898 – A Alemanha decide começar a construção de uma marinha de alto mar de primeira grandeza, o único desafio que a Grã-Bretanha não pode aceitar. A Grã-Bretanha decide tentar um entendimento com a Alemanha para, mediante cedências em aspectos secundários, a convencer a desistir do programa naval. Um dos primeiros campos deste entendimento anglo-alemão é a convenção secreta para uma eventual divisão das colónias portuguesas, assinada em 1898. Portugal, conhecendo esta convenção, procura uma aproximação com a Grã-Bretanha, o que consegue mediante o acordo secreto a respeito dos Açores desse mesmo ano: Portugal compromete-se a não fazer qualquer cedência a outras potências nos Açores sem um prévio consentimento da Grã-Bretanha.

1899-1902 – Guerra Anglo-Boer. A Grã-Bretanha esmaga os bóeres e cria a União Sul-Africana alargada. A expectativa inicial é que seria uma guerra curta. Na realidade são três anos de guerra, em que a Grã-Bretanha mobiliza mais de meio milhão de homens. A Alemanha

mantém a neutralidade. Portugal denuncia o acordo com o Transval, que o obrigava a permitir o livre trânsito pelo porto de Lourenço Marques, e apoia a Grã-Bretanha, impedindo nomeadamente o trânsito de armas para os bóeres via Moçambique. Portugal oferece-se para entrar na guerra ao lado da Grã-Bretanha, mas esta recusa a oferta e afirma que só deseja uma neutralidade colaborante.

1902 – Assinada uma aliança entre a Grã-Bretanha e o Japão.

1904 – Assinada a *Entente* entre a Grã-Bretanha e a França, alargada à Rússia. A Europa passa a ter um sistema bipolar, com dois blocos de três grandes poderes cada. A Itália, na realidade, segue uma política dupla e, através da diplomacia secreta, aproxima-se da França de modo a obter a luz verde para a expansão em direcção à Líbia.

1904-05 – Guerra Russo-Japonesa, que termina com uma surpreendente vitória de grande envergadura do Japão. Nos combates terrestre é já evidente que os exércitos se têm de enterrar para resistir ao poder de fogo das armas automáticas e dos canhões de tiro rápido. Os estados maiores europeus não tiram as lições devidas deste conflito.

1905 – Primeira revolução na Rússia, no seguimento da derrota na guerra contra o Japão. Pela primeira vez no século XX, uma guerra entre estados transforma-se numa revolução que, por enquanto, é esmagada.

1905 – Crise do Marrocos, que leva a um maior entendimento entre a Grã-Bretanha e a França para impedir a Alemanha de obter um porto no Marrocos.

1908 – Crise nos Balcãs. Anexação da Bósnia pela Áustria.

1909 – Uma Rússia enfraquecida depois da guerra de 1905 e da revolução desse ano, cede e aceita a anexação da Bósnia, apesar das pressões da França e da Inglaterra para uma oposição conjunta. A Áustria-Hungria consegue uma importante vitória, mas conclui erradamente que a Rússia cederá sempre.

1910 – Proclamação da República em Portugal. A Grã-Bretanha afasta-se do novo regime, tendo demorado quase a um ano para o reconhecer. O Rei de Espanha faz múltiplas diligências em Londres para obter autorização para uma intervenção militar em Portugal que restabeleça

a monarquia. A Grã-Bretanha limita-se a responder que, se for necessário uma intervenção, ela própria tomará a iniciativa. Londres procura nestes anos a aproximação com a Espanha, que prefere ao entendimento com Portugal, em larga medida pelo equilíbrio de forças no Mediterrâneo e pelas crises no Marrocos.

1911 – Segunda crise de Marrocos com uma nova derrota diplomática das pretensões alemãs. Consolida-se o entendimento entre a Grã-Bretanha e a França, enquanto a Itália se lança na conquista da Líbia, aproveitando a janela de oportunidade. É a primeira guerra em que se usa a aviação.

1912 – Segunda convenção secreta entre a Alemanha e a Grã-Bretanha para uma eventual divisão das colónias portuguesas. A recente República Portuguesa conhece este documento secreto e teme o pior. O acordo não se concretiza porque a Alemanha não desiste da corrida naval, a contrapartida que a Grã-Bretanha pretendia obter.

1912 – Guerra nos Balcãs.

1913 – No seguimento da guerra nos Balcãs o Tratado de Londres consagra a independência da Albânia – um estado tampão entre a Sérvia e o mar. A Turquia enfraquecida perde quase todos os territórios na Europa, enquanto a Sérvia se afirma como um importante poder na região, muito ligada à Rússia. A Áustria teme o expansionismo da Sérvia e, sobretudo, a forma como fomenta os nacionalismos no vasto império Austro-húngaro. Sectores militares na Áustria defendem que a única maneira de manter a unidade do Império é lançar uma guerra contra a Sérvia, que destrua a fonte do terrorismo dentro de fronteiras, em particular na disputada província da Bósnia.

## **ANO DE 1914**

28/6 – O herdeiro do trono austríaco visita Sarajevo, na Bósnia-herzegovina, como forma de consolidar a soberania da Áustria nesta região marcada por inúmeros atentados terroristas fomentados pela Sérvia. O arquiduque Francisco Fernando e a esposa são assassinados em Sarajevo.

23/7 – Prevalece na Áustria a opinião do CEM von Hotzendorf que quer uma guerra contra a Sérvia para manter a unidade do Império, depois de terem sido obtidas garantias do apoio alemão. Viena pensa que a Rússia recuará no último momento, como já aconteceu no passado. Assim sendo, a Áustria entrega um ultimatum muito forte a Belgrado, redigido de tal forma que dificilmente será aceite.

26/7 – A Áustria decreta uma mobilização parcial contra a Sérvia depois de ter cortado relações diplomáticas no dia anterior. A Rússia decreta igualmente uma mobilização parcial e reafirma o compromisso de apoiar a Sérvia.

28/7 – A Áustria declara guerra à Sérvia.

29/7 – A Grã-Bretanha propõe uma mediação internacional para resolver a situação na Sérvia.

31/7 – A Rússia decreta a mobilização, ignorando o aviso alemão entregue no dia anterior sobre os “perigos” de um tal passo. Na situação militar criada em 1914, se um grande poder decretava a mobilização era quase obrigatório que os outros fizessem o mesmo, para não verem surgir nas suas fronteiras um exército quatro vezes maior, que os esmagaria facilmente.

1/8 – A Alemanha declara guerra à Rússia. A França e a Bélgica decretam a mobilização.

1/8 – Portugal marca de imediato a sua posição de alinhamento total com a Grã-Bretanha. Freire de Andrade, Ministro dos Negócios Estrangeiros, escreve num telegrama para Teixeira Gomes (ministro de Portugal em Londres): “Eventualidade possível guerra muito desejo V. Ex<sup>ª</sup> veja Foreign Office sobre nossa atitude visto nossos direitos deveres resultantes tratados com Grã-Bretanha e visto desde o começo podermos ser considerados pelos adversários como aliados Grã-Bretanha. Convém obter, sendo possível, quaisquer declarações que possam guiar com segurança nosso procedimento”.

2/8 – Forças alemãs ocupam o Luxemburgo enquanto a Bélgica recebe um ultimatum: deve deixar passar as tropas alemãs ou será invadida. O pretexto é que se pretende contrariar um ataque planeado pela França.

3/8 – A Alemanha declara guerra à França e invade a Bélgica.

A Itália recua em relação aos compromissos oficiais anteriores e informa os poderes centrais que vai manter a neutralidade (a Itália tinha um acordo de diplomacia secreta com a França, em que se comprometia a não entrar na guerra ao lado dos poderes centrais, contrariando o compromisso oficial com estes).

A Grã-Bretanha decreta a mobilização, ainda dependente do voluntariado (era o único grande poder europeu que não tinha o serviço militar obrigatório). O acordo com a França previa que, em caso de guerra, o pequeno exército britânico de cerca de 100 000 homens atravessava o Canal da Mancha – era pequeno, mas era o mais bem equipado, treinado e enquadrado.



*Ilustração Portuguesa de 3 de Agosto de 1914. A principal revista ilustrada de Portugal ainda apresenta a guerra como sendo meramente um conflito entre a Áustria e a Sérvia. É um bom exemplo de como a Europa não esperava ver-se de repente mergulhada num conflito geral entre os grandes poderes, algo que não acontecia desde 1814.*

4/8 – A GB declara guerra à Alemanha.

**NAVIOS ALEMÃES.** Os navios alemães surpreendidos pela guerra no alto mar recebem ordens pela rádio para se dirigirem o mais rapidamente possível para os portos neutros mais próximos, sem tentarem regressar à Alemanha, pois seriam interceptados pela Royal Navy. Cerca de 80 navios alemães entram em portos portugueses em todo o mundo, onde são de imediato internados (ficam imobilizados, com a sua guarnição a bordo) teoricamente enquanto durar a guerra.



Ilustração Portuguesa de 10 de Agosto de 1914. Agora a guerra assume já os foros de conflagração geral na Europa. Nesta curiosa reportagem fotográfica captam-se momentos da partida de elementos das comunidades dos beligerantes em Portugal, que respondem ao apelo da mobilização geral decretada.

4/8 – Instruções de Sir Edward Grey para o seu representante em Lisboa, Carnegie:

*“Inform Minister of Foreign Affairs that in case of attack by Germany on any Portuguese possession HMG will consider themselves bound by the stipulations of the Anglo-Portuguese Alliance. For the present HMG will be satisfied if the PG refrained from proclaiming neutrality. In the event of HMG hereafter considering it necessary to make any demand upon the PG which would not be compatible with the latter neutrality, they would appeal to the alliance as justification for such demand”.* Nota: o pedido para não declarar a neutralidade está ligado à legislação internacional, pois é assim possível aos navios ingleses permanecerem mais tempo em portos nacionais.

5/8 – A Áustria-Hungria declara guerra à Rússia. O 1º e 2º Exércitos alemães atacam a cidade fortificada de Liége na fronteira com a Bélgica, que era o mais importante obstáculo no planeado envolvimento pelo Norte dos exércitos franceses.

6/8 – A guerra aproxima-se de Moçambique: o cruzador alemão *Konigsberg* surpreende e afunda o cruzador ligeiro britânico *Pegasus* no porto de Mombaça. Depois deste ataque de surpresa, o cruzador alemão é perseguido por forças superiores da Royal Navy, sendo obrigado a procurar refúgio num rio da África Oriental Alemã, a Norte de Moçambique.

7/8 – O Congresso (reunião das duas câmaras) concede ao Governo Português autorização para intervir militarmente na guerra. O Governo era dirigido por Bernardino Machado, muito próximo de Afonso Costa e um dos cabeças dos “guerristas”, o núcleo de políticos de vários partidos (mas principalmente do Partido Democrático) que queria forçar a beligerância de Portugal na guerra, vendo nela a forma de manter o poder e reforçar o regime. Teixeira Gomes logo avisa a partir de Londres: “Foreign Office não esperava que acontecimentos se precipitassem tão depressa” (telegrama de 9/8).



Ilustração Portuguesa de 17 de Agosto de 1914.



*Ilustração Portuguesa, 17 de Agosto de 1914. Depois da sessão do Congresso onde o governo guerrista de Bernardino Machado é autorizado a intervir na guerra, uma manifestação de republicanos vai saudar as delegações do Reino Unido (na foto) e da França.*



*Ilustração Portuguesa, 17 de Agosto de 1914 – Bernardino Machado quando sai do Parlamento.*

7/8 – O BEF (uma força do Exército Britânico) começa a desembarcar em França. É comandada pelo field marshal Sir John French, que tem ordens muito simples: deve colaborar com os franceses, mas sem colocar o Exército Britânico numa situação que conduza ao seu aniquilamento. Não há um comando militar supremo aliado, pelo que a colaboração entre os três exércitos na campanha (Francês, Britânico e Belga) depende da boa vontade dos respectivos comandos. Londres tinha o mesmo problema que enfrentou nas guerras napoleónicas: a força terrestre que colocou em França era pequena, comparada com as dos outros beligerantes, mas era o grosso do Exército Britânico, um núcleo totalmente profissional, altamente competente e treinado.

Tanto em Paris como em Berlim gigantescas manifestações aclamam a decisão de declarar a guerra e não faltam voluntários que se oferecem para o serviço militar nos primeiros tempos. A expectativa geral é que a guerra terminará antes do Natal.

8/8 - Lord Kitchener pede mais 100 000 voluntários na previsão de elevadas baixas: apresentam-se 175 000, um sintoma do grande entusiasmo que a guerra suscitava inicialmente nos principais beligerantes.

A França executa o seu plano de guerra e, quando a ofensiva alemã ainda marcava passo na fronteira da Bélgica, ataca em força na Alsácia, tal como os alemães tinham previsto. O ataque francês lançado contra posições preparadas pouco avança e as baixas são muito elevadas. A cidade de Mulhouse chega a ser tomada pela França, mas será abandonada sob pressão alemã três dias depois.

10/8 – Cai a primeira das 12 fortalezas de Liège. As outras sucedem-se rapidamente, incapazes de resistir ao castigo das “Big Bertha”, os obuses pesados (de 420 mm) da Krupp, que eram uma das armas secretas da Alemanha. Liège cairá a 16/8, deixando aberto o caminho de Bruxelas, para onde se dirigem os dois principais exércitos alemães (o 1º e o 2º).

12/8 – A Áustria invade a Sérvia, sendo detida na batalha do Rio Jadar, poucos dias depois. O exército Sérvio prova que, mesmo isolado e em inferioridade, consegue fazer frente à Áustria.

13/8 – O Ministro britânico pede autorização para tropas inglesas passarem por Moçambique – é concedido de imediato. Outros favores portugueses ao Aliado nas primeiras semanas: cedidas 20000 espingardas Mauser-Vergueiro à África do Sul, os navios Aliados são autorizados a permanecer nos portos para além dos prazos legais, os navios Aliados são abastecidos de carvão nos portos nacionais. É de notar que estas facilidades eram dadas teoricamente a todos os navios dos beligerantes, na medida em que Portugal sabia que nenhum navio mercante dos Poderes Centrais navegava nos oceanos.

14/8 – Depois de falhar a ofensiva na Alsácia, a França ataca em força na Lorena. Será um novo fiasco, com os alemães a passarem à contra-ofensiva a partir de 20 de Agosto.

4 a 23/8 – A Rússia avança na Prússia Oriental. A Rússia tinha-se comprometido com a França a atacar nos primeiros dias, já na previsão que o grosso das forças alemãs estaria no Ocidente. As primeiras unidades passam a fronteira a 4/8, mas a ofensiva mais intensa só começa a 17/8, lançada pelos 1º (Rennenkampf) e 2º (Samsonov) Exércitos Russos, separados pelos Lagos Masuria. As forças alemãs na Prússia Oriental estão em inferioridade numérica, mas, a partir de 20 de Agosto, são comandadas por dois dos seus melhores generais: Paul von Hindenburg, que já estava reformado, e, sobretudo, o brilhante general Erich Ludendorff.



*Ilustração Portuguesa de 7 de Setembro de 1914. A revista não escondia as suas simpatias pró-Aliadas pelo que publicava este mapa da Alemanha, esclarecendo que com ele era possível seguir “a marcha invasora dos russos”. Dentro de poucos dias a batalha de Tannenberg inverteria o avanço russo.*

18/8 – O Ministro da Guerra Pereira de Eça encarrega Alves Roçadas de organizar e comandar a primeira expedição portuguesa, que devia partir para o Sul de Angola. Uma expedição semelhante (ambas com cerca de 1500 homens) seguia para Moçambique, sob o comando de Massano de Amorim, para reforçar as defesas do Rovuma (fronteira Norte). Os dois destacamentos mistos eram colocados pelo Ministério da Guerra à disposição do Ministério das Colónias. Os efectivos das unidades deviam ser completados através da convocação das classes necessárias, a começar pela de 1924. É dito : “As operações militares que houverem de ser empreendidas, baseadas nas directivas que forem estabelecidas, serão executadas sob a única e exclusiva direcção e responsabilidade dos comandantes dos destacamentos, únicos

competentes para determinar o emprego e divisão da força do seu comando”. O quadro dos destacamentos misto era o seguinte:

	Angola	Moçambique
Tenente-Coronel	1	1
Major	1	1
Capitães	8	7
Subalternos	28	25
Serviços de Saúde	7	6
Serviço Veterinário	3	2
Administração Militar	6	5
Sargentos	69	61
Primeiros cabos	102	94
Corneteiros	26	25
Artífices	7	6
Ferradores	7	6
Segundos Cabos e soldados	1260	1238
Total Homens	1525	1477
Cavalos	217	225
Muares	98	82

18/8 – O Rei Leopoldo da Bélgica retira com o seu exército (cerca de 75 000 homens) para a cidade fortificada de Antuérpia no Mar do Norte, declarando Bruxelas uma cidade aberta. Os alemães ocupam sem resistência a capital Belga (a 20 de Agosto) e continuam a sua marcha para a fronteira da França, deixando para trás uma força de 60 000 homens com a missão de conter o Exército Belga refugiado em Antuérpia (mais tarde o Exército Belga seria evacuado pelos Aliados por mar, indo ocupar posições na Frente Ocidental perto do Mar do Norte). Toda a Bélgica seria ocupada pelos alemães, com a excepção de uma pequena faixa no NW do território, que ficaria na zona Aliada.

20/8 – A “Batalha das Fronteiras” está a ser perdida pela França que se lançou ao ataque na Alsácia e na Lorena, sem conseguir avançar. A partir de 20 de Agosto, os combates intensos

estendem-se à região das Ardenas, quando o 3º e o 4º Exércitos franceses chocam com dois exércitos alemães que avançam para Sul a partir do Luxemburgo e da Bélgica. A França sofre perdas imensas, principalmente no 3º Exército.

22/8 – Começa a contra-ofensiva alemã na Prússia Oriental, numa manobra brilhante dirigida contra o isolado 2º Exército Russo, que não pode receber o apoio do 1º Exército, pois os lagos da Masuria estão entre os dois.

22/8 – Os destacamentos expedicionários são aumentados, poucos dias depois da sua constituição. O de Angola passa a contar com as seguintes unidades adicionais: destacamento do Regimento de Sapadores Mineiros, destacamento do Batalhão de Telegrafistas de Campanha, 2ª bateria do 1º Grupo de Metralhadoras, 1 grupo de tropas da administração, num total de mais 70 militares. O de Moçambique recebe um reforço de mais 50 militares, com uma composição idêntica ao de Angola, excepto a bateria de metralhadoras.

23/8 – A “Batalha das Fronteiras” estende-se mais para Oeste, à medida que os exércitos alemães ultrapassam a Bélgica e entram no Norte da França. O general Joffre empenha o 5º Exército Francês nos combates, com a missão de deter o avanço alemão entre os rios Sambre e Meuse. A Oeste do 5º Exército, na zona de Mons, toma posição o BEF do field marshall French, que não tarda e entrar em contacto com as forças do 1º Exército Alemão.

O BEF detém o ataque inicial alemão provocando grandes baixas, mas quando verifica que o 5º Exército Francês retirou, deixando o seu flanco Leste exposto, é obrigado a retirar igualmente na direcção de Paris. A Batalha de Mons é considerada a primeira vitória inglesa na Grande Guerra, embora o BEF retire para Sul.

Acaba assim a batalha das fronteiras, que começou por ser uma ofensiva francesa na zona da Alsácia – Lorena, para se transformar depois numa tentativa falhada de deter o avanço alemão na fronteira com a Bélgica. Os franceses sofreram grandes perdas, mas as suas forças, juntamente com o BEF, retiram de forma organizada na direcção de Paris.

O Estado Maior alemão considerou erradamente que a França estava derrotada e Von Moltke contraria o plano inicial e retira 4 corpos de exército da ala Oeste, enviando dois para reforçar a Lorena e outros dois para a Frente Leste – era um erro colossal.

O general Joffre, pelo contrário, toma as decisões acertadas. Manda parar as sangrentas ofensivas na Alsácia - Lorena, que não se traduziam em qualquer avanço. Manda formar dois novos exércitos com as unidades criadas graças à mobilização: o 6º e o 9º. Coloca os novos exércitos na zona certa, à volta de Paris para onde já retiram o BEF e dois outros exércitos franceses. A força Aliada concentra-se na região de Paris, justamente na altura em que a Alemanha enfraquece os exércitos da sua ala direita.

23/8 – A Áustria-Hungria lança uma poderosa ofensiva contra a Rússia na zona da Gália, envolvendo nela 3 dos seus melhores exércitos. É um imenso fracasso: um prometedor avanço inicial conduz a uma derrota da Áustria na batalha de Rava Ruska, após o que se segue uma retirada de 160 km, até às montanhas dos Carpatos, com cerca de 350 000 baixas da Áustria (a retirada dá-se entre 3 e 11 de Setembro). A Rússia sofre uma imensa derrota contra a Alemanha na Prússia Oriental, mas obtém uma importante vitória contra a Áustria na Gália: exactamente o contrário do planeado.

25/8 – Os alemães atacam o posto de Maziua (ou Mazina, no rio Rovuma, fronteira Norte de Moçambique), numa situação pouco clara que inicia as hostilidades de facto em África. O posto (que só tinha uma pequena força de recrutamento africano, comandada por um sargento) é tomado e incendiado, sendo depois abandonado pelos alemães.

26/8 – O GP tinha antes sondado Londres sobre uma possível acção militar conjunta em África e Teixeira Gomes responde em telegrama desta data:

“Sir Edward Grey agradeceu prova amizade GP, especializando oferta relativa África, acrescentando agora não precisava ali nosso auxílio, mas quando precisasse comunicaria GP, assumindo então responsabilidade pelas consequências adviessem para Portugal. (...) Julgava improvável qualquer ataque alemão fronteira território africano, tanto mais que boers já começavam movimento, mas aprovava nossas medidas defesa colonial”.

No dia seguinte, para clarificar a posição britânica, Sir Edward Grey envia uma carta onde afirma:

“HMG consider that the Portuguese fleet and army would best be reserved for home defense, and that meanwhile no useful purpose would be served by a conference between Portuguese and British officers with the object of discussing possible measures to be taken in case of emergency”.

Teixeira Gomes esclarece ainda mais a posição britânica num telegrama de 28/8: “Foreign Office deseja evitar envolver Portugal na guerra mas conta absolutamente conosco em caso de necessidade”.

Gorava-se outra tentativa de forçar a beligerância portuguesa a partir da situação em África.

26/8 – Os alemães do Togo rendem-se depois de derrotados em Kamina por uma expedição conjunta anglo-francesa – cai a primeira colónia alemã em África. Todas as colónias alemãs tinham ficado sem ligação à metrópole assim que a guerra começou. Os cabos submarinos alemães, por exemplo, são desviados pelo Reino Unido três minutos depois da declaração de guerra e passam a estar ao serviço dos Aliados, nomeadamente na Horta (Açores), uma das grandes estações de amarração dos cabos submarinos.

30/8 – A guerra chega ao Pacífico, com a ocupação da Samoa alemã por forças da Nova-Zelândia. A partir de começos de Setembro o Japão ataca a cidade alemã de Tsingtao, na China. Forças da Austrália ocupam o arquipélago de Bismarck e as possessões alemãs na Nova Guiné em Setembro. Em Outubro, o Japão ocupa rapidamente as ilhas alemãs nas Carolinas, Marianas e Marshall. Tsingtao rende-se ao Japão a 7 de Novembro. A Austrália ocupa as últimas ilhas alemãs no Pacífico em meados de Novembro. A esquadra alemã do Pacífico tinha retirado na direcção do Chile e não tardaria a dar sinal de si.

31/8 – Batalha de Tannenberg – detido o avanço russo na Prússia Oriental (137 000 baixas). Entre 22 e 31 de Agosto o 2º Exército Russo é aniquilado e o seu comandante (general Samsonov) suicida-se.

1 a 13/9 – Derrota russa nos Lagos Masúria. No seguimento de Tannenberg, as forças alemãs atacam agora de forma concentrada o 1º Exército Russo (depois de o 2º ter sido aniquilado). A Rússia recua e regressa ao seu território, com mais de 125 000 baixas nesta batalha, contra as 40 000 alemãs. Os planos iniciais alemães acabam por funcionar exactamente ao contrário do previsto: vitória a Oriente e derrota a Ocidente. Por detrás de ambos os casos está em larga medida o comando alemão: a derrota no Ocidente ficou a dever muito a Von Moltke, que seria afastado das suas funções; a vitória no Oriente ficou a dever muito ao par Hidenburg-Ludendorff, mas sobretudo a este último.

29/8 a 2/9 – Primeiros movimentos da Batalha do Marne. O 5º Exército Francês cria dificuldades ao avanço do 2º Exército Alemão, que pede o auxílio do 1º Exército, no seu flanco Oeste. Von Kluck, que comanda o 1º Exército Alemão, pensa que os franceses estão derrotados e não oferecem perigo, pelo que não hesita em responder ao apelo, fazendo deslocar o seu exército para Leste, o que o obriga a um movimento a norte de Paris, com o flanco sul mal protegido. É a altura escolhida para o recém-formado 6º Exército Francês (sob o comando provisoriamente do velho, mas brilhante, general Galliéni) atacar o flanco exposto numa ofensiva lançada a partir da Paris. Para tal Galliéni mobiliza os táxis Renault de Paris – era a primeira vez que o transporte automóvel tinha importância numa grande campanha militar).

Von Kluck é surpreendido pelo inesperado ataque, mas responde de uma forma tacticamente brilhante, embora estrategicamente desastrosa. O general alemão faz o seu Exército girar para Sul e lança um contra-ataque bem sucedido, que empurra as forças francesas na direcção do campo entrincheirado de Paris. Simplesmente, esta manobra não prevista abre uma brecha importante entre o 1º e o 2º Exército alemão e o general Joffre, alertado pelo reconhecimento aéreo, percebe que esta é a sua grande oportunidade (era igualmente a primeira vez que o avião tinha importância e significado numa grande campanha terrestre). Diante da brecha aberta estão o BEF (a melhor força Aliada) e o 5º Exército francês. A grande dificuldade do general Joffre é convencer o seu colega britânico que este era o momento de empenhar as

suas forças, o tudo ou nada que podia decidir a derrota ou a vitória da campanha. O general French hesita (pois as suas ordens são para não colocar o exército britânico numa situação de onde pudesse resultar o seu aniquilamento), mas finalmente decide apoiar a manobra francesa, explorando a brecha entre os dois principais exércitos alemães. A sorte tinha mudado a favor dos Aliados no Ocidente.

Setembro – A África do Sul ataca o Sudoeste alemão (a colónia alemã a Sul de Angola), mas a ofensiva é detida quando 11 000 Boers se revoltam na África do Sul. Isto obriga a adiar os planos Aliados para ocupar rapidamente a colónia alemã e permite que o Sudoeste alemão se mantenha por mais uns meses – com graves consequências para os portugueses. Começa uma campanha militar interna na África do Sul para submeter os Boers revoltados. A maioria dos Boers manteve-se fiel à União Sul-Africana, pró-Aliada. Será o general Botha (um bóer) que comanda as operações para submeter os revoltados.

8/9 – Segunda ofensiva da Áustria contra à Sérvia. É um novo fiasco. A contra-ofensiva Servia é lançada a partir de 17/9. Os austríacos são empurrados de novo para a fronteira.

5 a 9/9 – O BEF (field marshall French) e o 5º Exército Francês (general Foch) lançam o seu contra-ataque na zona do Marne, explorando a brecha aberta entre o 1º e o 2º Exércitos alemães. Os dois exércitos alemães recuam organizadamente e procuram refazer a frente, pelo que ainda nada está perdido. O 9º Exército Francês (general Foch) soma-se aos combates, atacando o flanco Leste do 2º Exército alemão, que cede sem perder a coesão, até porque o 3º Exército Alemão vem em seu auxílio a partir do Leste.

O momento decisivo da campanha surge quando Von Moltke perde o sangue-frio e ordena uma retirada geral para refazer a frente, o que implica um recuo de dezenas de quilómetros de todo o centro e da ala direita alemã. Quando a ordem é dada a situação estava longe de estar decidida, porque o 1º e o 2º Exércitos Alemães, apesar de fortemente pressionados, estavam a aguentar-se enquanto o 3º Exército Alemão atacava o flanco francês e os combates se tinham generalizado para Leste. A decisão de Von Moltke implica o fim da ofensiva alemã e, com ela, termina a possibilidade de decidir a guerra no Ocidente com uma campanha curta. Um dos temas mais discutidos na historiografia militar é justamente o de saber se a Alemanha teve efectivamente alguma hipótese de vencer a França em poucas semanas, como tinha feito em 1870-1871. Uma coisa é certa: não era com os colossais erros de Von Moltke que isto seria possível.

9 a 14/9 – Os exércitos alemães em França cumprem a ordem de von Moltke e retiram de forma organizada para a linha Noyon – Verdun, abandonando toda a região do Marne e deixando de ameaçar Paris. A 14 de Setembro Von Moltke é substituído pelo general Erich von Falkenhayn.

11/9 – Parte de Lisboa a primeira expedição para Angola, comandada por Alves Roçadas. O seu núcleo é um batalhão do RI 14 (Viseu), reforçado com um esquadrão de cavalaria, uma bateria de artilharia de montanha, outra de metralhadoras e serviços auxiliares. Alves Roçadas refere que a partida se deu a 11 de Setembro (e não a 10, como estava previsto), tendo a expedição embarcado no cais de Santa Apolónia no paquete Moçambique, da Empresa Nacional de Navegação, transformado em transporte de guerra – o navio ia equipado nomeadamente com 2 peças Krupp de 105 mm, manejadas por uma guarnição da Armada. Muito do gado e algum pessoal de cavalaria tinha seguido no paquete *Cabo Verde*. Os dois paquetes eram escoltados por um cruzador da Armada.



1. Tenente coronel do estado maior José Augusto Alves Roçadas, comandante em chefe da expedição.



1. Tenente coronel do estado maior José Augusto Alves Roçadas, comandante em chefe da expedição.

2. Capitão de cavalaria Manuel Firmino Mala Magalhães, chefe do estado maior— 3. Capitão d'artilharia Justiniano Esteves, comandante do item de combate — 4. Tenente Ernesto Bertoldo Machado, subchefe do estado maior 5. Tenente Francisco Pinto Teixeira, comandante da secção de engenharia — 6. Tenente Eduardo Lima O'Connor Shirley, ajudante — 7. Alferes do quadro auxiliar de artilharia José Carvalho Ceboia, encarregado do material de guerra—8. Alferes de infantaria João Guilherme Menezes Ferreira, do serviço de estapes

militares de mais gloriosa carreira. A sua folha de serviços em Africa bastaria a prestigiar o seu nome, se em outros lances ele se não tivesse nobilitado. Passa entre os seus camaradas por ser um espirito organizador de excepção e um oficial com raras qualidades para o comando. Logo que se falou n'uma expedição a Angola o nome do tenente coronel Alves Roçadas acudiu aos labios de to-



16. Tenente d'artilharia Sergio Ribeiro de Sousa—17. Capitão d'artilharia Antonio Lopes Bastista, comandante da 1.ª bateria do regimento de artilharia de montanha—18. Tenente do Estado Maior de artilharia Filipe Mario dos Santos Lobo—19. Tenente de artilharia Aracilio Augusto Correia Pinto—20. Alferes de artilharia Manuel Caldeira Calota Bastos—21. Tenente-medico Alfredo d'Almeida Furgasto Pinheiro—22. Alferes veterinario Alberto Alfredo da Silva Lobo—23. Alferes da administração militar Manuel Alves Morgado, official provisor

mento critico. Se as responsabilidades do seu comando muito o devem preocupar, as condições excepcionaes em que ele lhe foi conferido muito o devem orgulhar.

Ao corpo expedicionario do comando do sr. Roçadas incumbe exercer a vigilancia nas fronteiras, mormente na do sul, que confina com a colonia alemã do Damareland, e assegurar

11/9 – Parte igualmente a 1ª expedição para Moçambique, comandada pelo coronel Massano de Amorim, tendo embarcado na Rocha do Conde de Obidos no paquete inglês “Durban Castle”.

A força conjunta das expedições de Angola e Moçambique formou no dia 11 de Setembro na Rotunda, tendo desfilado pela Avenida da Liberdade, Rossio e Largo do Município, onde as unidades eram esperadas pelo Presidente da República. Aí as duas forças separam-se, seguindo a de Angola para o cais de Santa Apolónia e a de Moçambique para o cais da Rocha do Conde de Óbidos, onde embarcam nos respectivos navios. Verifica-se pela primeira vez grande entusiasmo na população que aplaude as unidades que partem para África, ao contrário do que irá suceder em 1917 com as unidades que partem para a França.

Os dois paquetes seguem em conjunto, com uma escolta da Armada, fazendo escala em Cabo Verde. Ao chegarem a Luanda, o “Durban Castle” entra para escala nesse porto, enquanto o “Moçambique” continua até Moçâmedes, onde a expedição de Alves Roçadas desembarca a partir de 27 de Setembro de 1914.

Alves Roçadas queixou-se futuramente, com toda a razão, que a Alemanha só tinha de seguir a imprensa portuguesa para saber de forma exacta e rigorosa as forças que eram enviadas para África, a sua composição, o seu comando, os locais onde desembarcavam e para onde iam. A prova que assim era, foi dada no primeiro encontro com os alemães em Naulila, ainda na fase amigável deste, quando eles exibem jornais portugueses (nomeadamente “O Século”), mais recentes que os que estavam na posse dos oficiais nacionais.

A composição das duas expedições é a seguinte:

### **Expedição a Angola**

Comandante: tenente-coronel do serviço de estado maior, José Augusto Alves Roçadas.

CEM: capitão do RC 9, Manuel Maia Guimarães.

2ª Bateria do Reg. de Artilharia de Montanha – capitão António Baptista.

3º Esquadrão do RC 9 – capitão Alberto Meneses Macedo.

3º Batalhão do RI 14 – Major Alberto Salgado.

2ª Bateria do 1º Grupo de Metralhadoras – capitão José Mendes dos Reis.

Sapadores, serviços de saúde, administrativos e veterinários.

### **Expedição a Moçambique**

Comandante – tenente-coronel de artilharia, Pedro Massano de Amorim.

CEM: capitão do RA 1, António Cabrita Júnior.

4ª Bateria do Reg. de Artilharia de Montanha – capitão Norberto Guimarães.

4º Esquadrão do RC 10 – capitão Luís Pinto Tavares.

3º Batalhão do RI 15 – major António Santa Clara Júnior.

Sapadores, serviços de saúde, administrativos e veterinários.

## EXPEDIÇÃO A MOÇAMBIQUE

1. Capitão-médico Joaquim d'Assunção Ferraz Júnior. 2. Capitão de artilharia António dos Santos Caloritz Júnior, chefe do estado maior. 3. Tenente-coronel de artilharia Pedro Francisco Massano d'Amorim, comandante em chefe da expedição. 4. Capitão d'administração e de serviços militares José Maria Freire, chefe dos serviços administrativos. 5. Tenente de engenharia Bernardino Teixeira dos Reis, comandante da secção de engenharia.

6. Tenente de infantaria António Cândido de Castilho Valdez, subchefe do estado maior. 7. Tenente do secretariado militar, António Maria Gonçalves Pinto Júnior. 8. Alferes de artilharia, Vasco da Gama Rodrigues, ajudante. 9. Tenente de infantaria Luís Santa Bárbara e Santos, adjunto. 10. Tenente de cavalaria Leopoldino Xavier Palma e Paiva, adjunto.

11. Tenente médico António Dias da Silva, adjunto. 12. Tenente da administração militar, Hemeterio Augusto Carralho Massano, adjunto. 13. Alferes Júlio Inácio Vieira, encarregado do material de guerra. 14. Alferes de artilharia Norberto Ferreira Guimarães, comandante da 4.ª bateria de artilharia de montanha. 15. Capitão de artilharia Joaquim Plácido Duarte Filha. 16. Tenente médico José Oliveira.

14. Tenente de artilharia Abel Nunes Perestrelo de Vasconcelos. 17. Alferes de artilharia Alfredo Pedro de Almeida.

18. O paquete «Mocambique», de Empresa Nacional de Navegação que conduzirá a expedição a Angola.

19. Tenente médico José Oliveira. 20. Alferes veterinário Adrião José Afonso de Castro.

Sob o comando do sr. tenente-coronel Massano de Amorim, segue em breves dias para África Oriental o segundo dos corpos expedicionários ultimamente organizados. Esta expedição, como a de Angola, tem por fim especial assegurar a soberania portuguesa. Dirige-se à bacia do Tungue, onde é possível que a Inglaterra venha a atacar a colónia alemã do sudoeste. Das singulares faculdades do distintíssimo oficial a quem cabe o comando em chefe da expedição a Moçambique, tão brilhantemente demonstrados em outros lances, tem o paiz a esperar uma excelente acção.

A coluna expedicionária, que seguirá a bordo do paquete «Durham Castle», comboiado pelo «Almirante Reis», compõe-se da 4.ª bateria do regimento de artilharia de montanha, 4.º esquadrão de regimento de cavalaria 10 e 3.º batalhão do regimento de infantaria 15.

A coluna expedicionária de

*Ilustração Portuguesa, 7 de Setembro de 1914. Tenente-Coronel Massano de Amorim (no centro da primeira fila) e os principais oficiais da expedição a Moçambique. Um mês depois de começar a guerra Portugal enviava as suas duas primeiras expedições.*

14/9 – Depois da vitória no Marne, a França pede a Portugal a cedência de 36 baterias de peças Schneider TR 75, apesar das fortes reservas da Inglaterra sobre o assunto. Não é clara qual a interferência de João Chagas, ministro de Portugal em Paris e um ferrenho guerrista, neste pedido. A França coloca a Grã-Bretanha perante um facto consumado, que ela tem muita dificuldade em contrariar. Mais tarde, quando Londres hesita em subscrever o pedido francês, Paris responde que avançará sozinha se for necessário, o que obriga Londres a recuar – era um ponto aceite entre os Aliados que Portugal era da “responsabilidade” da Grã-Bretanha, pelo que a atitude da França nesta altura representa uma muito forte pressão sobre Londres.

Londres sabe que o pedido da França vai facilitar o desejo português de entrar na guerra, o que pretende evitar. O Governo Português efectivamente decide de imediato aproveitar o pretexto para forçar a beligerância. Assim sendo, é decidido que as peças só são cedidas se forem acompanhadas pelos artilheiros, o que implica o envio igualmente das restantes armas, numa divisão completa. Paris, possivelmente sem consultar Londres (a situação não é clara), responde em Setembro que aceita a vinda de 3 600 artilheiros portugueses. Lisboa responde que só envia uma divisão completa, com 18 000 homens, o que implica obviamente a beligerância. O Reino Unido é apanhado no meio desta manobra política desencadeada pelo pedido francês e decide procurar evitar a beligerância portuguesa sem a contrariar formalmente, o que conseguirá fazer. É a primeira vez que a França favorece claramente a beligerância portuguesa, enquanto o Reino Unido a procura evitar, mas sem entrar em choque frontal com Paris.

15/9 a 30/10 – Os Aliados perseguem os exércitos alemães que retiram organizadamente no Norte da França. Os principais combates travam-se no sector britânico, na crista do Chemin des Dames. Assim que a frente se estabiliza começam as tentativas de ambos os lados de flanquear o inimigo pelo Norte, o que prolonga rapidamente o sistema de trincheiras na direcção do Mar do Norte – a chamada “batalha da Picardia”, seguida da “batalha de Artois”. São múltiplas ofensivas lançadas pelos Aliados para flanquear as posições alemãs: a 17/9 em Compiègne, a 18/9 em Roye, a 30/9 e a 5/10 em Arras, a 10/10 na zona do rio Lys (primeiros combates na futura zona portuguesa), a 19/10 em Ypres e em finais de Outubro no Yser, já perto do Mar do Norte. A estas, os alemães respondem com ofensivas próprias, que visam igualmente flanquear as posições aliadas pelo Norte: a 18/9 em Noyon, a 24/9 em Péronne, a 27/9 em Albert, em começos de Outubro em Arras e La Bassée, em fins de Outubro em Ypres e, finalmente, já perto do Mar do Norte.

17 a 27/9 – Depois de terem derrotado esmagadoramente a ofensiva russa na Prússia Oriental, os alemães destacam forças para apoiarem os austríacos em debandada na zona centro da Frente Oriental, para o que se cria um 9º Exército em Cracóvia. Concretiza-se assim o que seria uma opção estratégica alemã assumida teoricamente somente a partir de 1915: dar prioridade à guerra no Leste, mantendo uma atitude geral defensiva a Ocidente.

22/9 – Os submarinos provam a sua eficácia. No que foi um dos mais bem sucedidos ataques submarinos de sempre, o U-9 afunda em rápida sucessão três cruzadores britânicos no Mar do Norte: o Aboukir, Hogue e Cressy. É um golpe tremendo para a Royal Navy, que passa a levar a ameaça submarina mais a sério.

Nesse mesmo dia a Grã-Bretanha realiza o primeiro ataque aéreo a solo alemão. Quatro aviões da Royal Navy lançam pequenas bombas nos hangares de dirigíveis (Zeppelins) em Dusseldorf e Colónia.

24/9 – Lisboa informa Londres que aceita o pedido francês, mas somente se as peças de artilharia forem acompanhadas por uma divisão completa, o que obviamente implica a beligerância. O Reino Unido vê confirmados os seus piores receios e prepara uma resposta diplomática que não o coloque em rota de colisão com a França (ver 10 de Outubro). Num telegrama de 2/10 diz Teixeira Gomes:

“Toda esta semana questão auxílio França tem sido debatida Conselho de Ministros, fazendo Sir Edward Grey tudo possível a fim de evitar envolver Portugal na guerra. Resolveu telegrafar hoje ministro da Inglaterra em Lisboa que deixa ao arbítrio GP mandar ou não auxílio e caso resolva mandar, logo que a expedição esteja organizada e pronta a partir, invocará aliança. Insisto minha opinião que não devemos dar nem preparar auxílio algum sem ser invocada aliança”.

A posição inglesa é fácil de entender: Londres sabia que Portugal não tinha condições sozinho para preparar uma divisão a enviar para França, pelo que, ao dizer que só invocaria a aliança quando esta estivesse pronta, estava a contrariar a iniciativa da França, sem o dizer com todas as letras. Freire de Andrade e Teixeira Gomes, apoiando no essencial os guerristas, optam por uma atitude cautelosa de não dar qualquer passo decisivo sem uma clara invocação da aliança por parte de Inglaterra. João Chagas, Afonso Costa e Bernardino Machado estão decididos a provocar a beligerância em qualquer circunstância.

27/9 – Conquistada Duala, capital dos Camarões alemães – a luta no interior da colónia continua até Fevereiro de 1916.

28/9 – Embora em minoria, os alemães lançam o 9º Exército numa ofensiva contra a Rússia no rio Vístula (Polónia), conseguindo algum progresso inicialmente. Ao fim de pouco tempo a supremacia numérica russa faz-se sentir e a ofensiva termina a 1 de Novembro. Será relançada a 11 desse mês.

27/9 a 1/10 – Desembarca em Moçâmedes a expedição de Alves Roçadas. O desembarque demorou vários dias porque não estavam preparadas as instalações para receber as tropas em

terra – apesar de se esperar há muito a chegada das unidades. Era um claro sintoma da desorganização que marcou desde o começo as expedições para África.

5/10 – O Ministro de Estado espanhol (Marquês de Lema) refere num documento interno uma conversa mantida com o embaixador da Alemanha em Madrid. Este afirma que Portugal vai entrar na guerra, pelo que a Alemanha aceita que a Espanha anexe Portugal e Gibraltar na futura paz. O Marques de Lema limita-se a responder que não pensa alterar a sua política de neutralidade. Londres vem a saber desta diligência e, a 24/11/1914, informa Lisboa que está “most anxious” para que Portugal faça tudo para manter uma boa relação com a Espanha.

6 a 8/10 – Os navios Aliados asseguram a retirada de grande parte do Exército Belga cercado em Antuérpia e o seu transporte por mar para a zona norte da Frente Ocidental, num trajecto de poucas dezenas de quilómetros. A 10/10 Antuérpia é ocupada pelos alemães.

10/10 – Perante a pressão da França, Londres recua e envia o seguinte telegrama ambíguo a Lisboa:

*“Invocar a antiga aliança entre Portugal e este país para convidar o GP a sair da sua atitude de neutralidade e a colocar-se activamente ao lado da Grã-Bretanha e dos seus aliados. A posição dos exércitos aliados no teatro Ocidental da guerra ficaria muito sensivelmente fortalecida se o GP pudesse expedir agora uma força, especialmente de artilharia, seguida depois por outras armas, a fim de cooperar com as nossas forças na presente campanha”.* O telegrama é acompanhado de um esclarecimento oral por parte de Sir Edward Grey, assim resumido por Teixeira Gomes: *“Sir E. Grey observou que havia sobretudo urgência na remessa de forças de artilharia”* (ver 18/10). Era a tática inglesa: insistir no envio das peças sem os homens (o que implicava a beligerância) e, assim que isto fosse feito, dizer que não era necessário enviar a divisão que Portugal pretendia formar. Deste modo evitava-se o choque frontal contra a França.

12/10 - Freire de Andrade informa a representação em Londres que o Conselho de Ministros resolveu por unanimidade aceitar pedido da Grã-Bretanha e demitir-se para permitir a criação de um “governo nacional”. São enviados telegramas às delegações portuguesas a avisar que “é quase certo Portugal entrar brevemente na guerra”.

13/10 – O Império vem em auxílio da Grã-Bretanha: as primeiras unidades do Canadá desembarcam na França, enquanto forças expedicionárias partem da Austrália e da Nova Zelândia (a 16 e 17/10).

16/10 – A expedição de Massano de Amorim chega a Lourenço Marques no paquete Durban Castle. Segue posteriormente por mar para Porto Amélia, onde desembarca a 1 de Novembro.

17 e 18/10 – Incidente militar em Naulila, no Sul de Angola. Uma situação pouco clara em que ambos os lados acusam o outro de ser o agressor. Segundo parece, uma pequena força alemã entrou em território angolano sob o comando de um chefe de posto, oficialmente em perseguição de um desertor. A força alemã vinha pacificamente, como se deduz de um telegrama enviado pelo chefe de posto português: “Uma missão alemã com o governador da Damara acaba de acampar Rio Cunene próxima do posto de Donquena afim conferenciarem com autoridades portuguesas. Alemães apresentam-se pacificamente.”

A força aceitou ser conduzida ao posto de Naulila por um pequeno destacamento militar português. Uma vez aí chegada, o chefe alemão decidiu retirar-se e, quando os portugueses o tentaram impedir, seguiram-se tiros onde morreram este e os oficiais alemães que o acompanhavam. Para os alemães, tratou-se de uma “emboscada” que tinha de ser vingada. Para os portugueses, era um mal-entendido (ver 31 de Outubro).

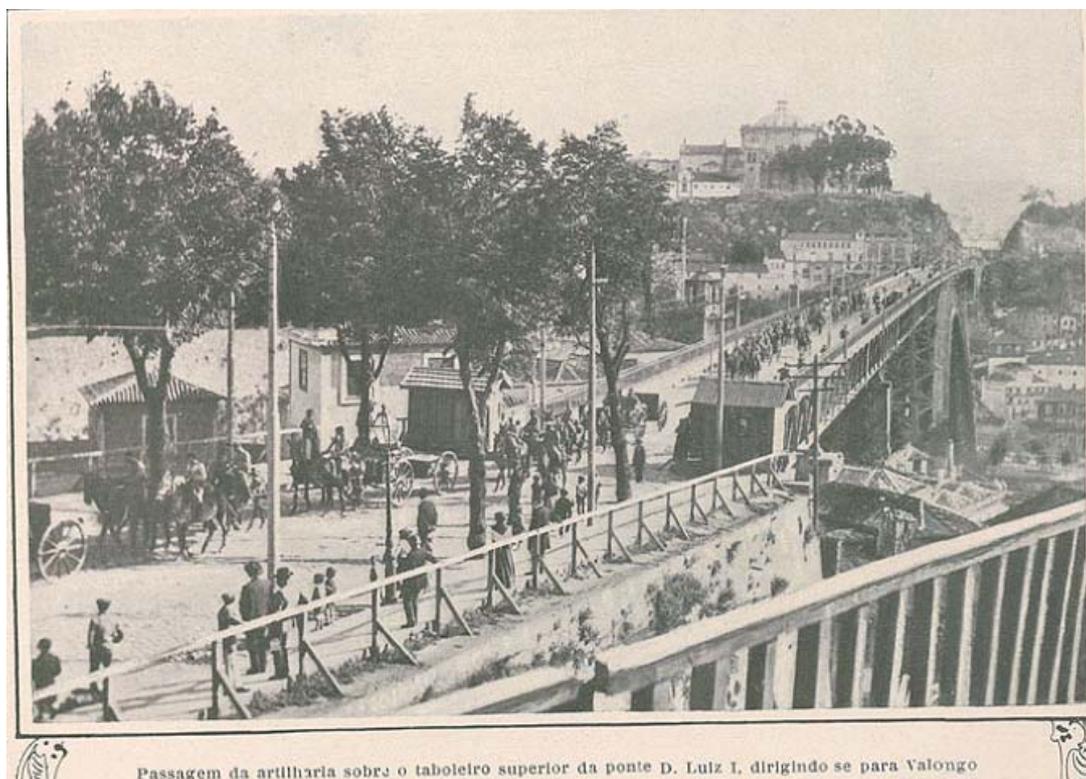
18/10 a 22/11 – Entre 18 e 28 de Outubro os Aliados lançam uma ofensiva na zona de Yser a Norte da Frente Ocidental, mas poucos resultados obtém, tendo grandes dificuldades em conter a contra-ofensiva alemã. O BEF em França recebe importantes reforços, com a chegada do 1º Corpo de Exército, comandado pelo general Sir Douglas Haig.

É o começo da 1ª batalha de Ypres, já uma típica guerra de trincheiras que se prolonga até 22 de Novembro. Os combates provocam cerca de 524 000 baixas num único mês, sem alterações significativas na frente. A Grã-Bretanha, que desempenhou o maior esforço na campanha, sofreu perdas muito significativas – quase metade da força inicial.

18/10 – Segue para Londres a missão dos capitães (Ivens Ferraz, Eduardo Martins e Fernando Freiria) que vão combinar as condições da formação e envio para França da divisão portuguesa. Conversações no War Office e, depois, em Bordéus com os militares franceses. Em França os oficiais portugueses conseguem obter muitas das coisas que os ingleses não aceitavam. Estes três oficiais eram elementos destacados do pequeno grupo dos chamados “jovens turcos”, o reduzido núcleo que apoiava as políticas guerristas do Partido Democrático no Exército – assim se explica que uma das mais importantes missões internacionais de Portugal desde a Guerra Peninsular tenha sido entregue a meros capitães.



Ilustração Portuguesa de 7 de Dezembro de 1914 – Os capitães da missão militar a Inglaterra, vestidos à civil: Ivens Ferraz, Fernando Freiria e Eduardo Martins.



Passagem da artilharia sobre o taboleiro superior da ponte D. Luiz I, dirigindo se para Valongo

Ilustração Portuguesa – 24 de Outubro de 1914. Primeiros exercícios das unidades destacadas para serem enviadas para França, com peças de artilharia a passarem a Ponte D. Luís I.

20/10 – Primeira revolta anti-guerrista em Portugal. Um oficial de Mafra arrasta consigo parte da unidade, distribui armas a civis, e barrica-se nas instalações do convento. Os revoltosos apelam a adesão de outras unidades para derrubar o governo guerrista. Há algumas movimentações em Bragança e noutros locais, mas nenhuma outra unidade adere. Os revoltosos de Mafra acabam por sair da vila em direcção a Torres Vedras, quando são interceptados por uma força militar governamental que os dispersa depois de um tiroteio – a força é formada principalmente por civis armados. No seguimento, são saqueados vários jornais da oposição ao Governo por grupos de civis armados, sem qualquer acção da GNR.



*Ilustração Portuguesa de 24 de Outubro de 1914 – O movimento de Mafra é apelidado de “Contra a Pátria” e atribuído aos monárquicos. A fotografia mostra civis armados de Torres Vedras que formam uma coluna em perseguição dos rebeldes de Mafra.*

22/10 – A revolta de Mafra leva à publicação do Decreto 963, muito esclarecedor sobre o posicionamento duro que o regime ameaça para os anti-guerristas, acusados de serem monárquicos. O levantamento é considerado especialmente condenável, tendo em conta “o estado de guerra em que se encontram algumas nações, e no qual poderemos ter de tomar parte, em virtude de tratados que por todas as formas nos cumpre honrar”. Tendo isso em conta, os implicados serão submetidos ao mesmo “julgamento sumário” dos crimes de “traição, espionagem, cobardia, insubordinação, rebelião, saque e devastamento”, sendo criado um tribunal militar próprio para esse fim.

28/10 – A Turquia entra na guerra ao lado dos Poderes Centrais e os seus navios, reforçados por dois cruzadores de batalha alemães que estavam no Mediterrâneo quando a guerra

começou, bombardeiam os principais portos russos do Mar Negro. A esquadra turca é comandada por um almirante alemão.

20/10 – Reforço de Angola. O Ministério da Marinha coloca à disposição do Ministério das Colónias um batalhão do Corpo de Marinheiros da Armada para reforçar Angola (são cerca de 600 homens). O decreto 992 (de 29/10) permite o alistamento de voluntários, ex-praças da Armada, para incorporar a coluna de marinheiros. A unidade acabaria por ser comandada por um dos mais notáveis oficiais da Armada: o 1º tenente Júlio Cerqueira.

31/10 – Retaliação alemã pelo incidente de Naulila. Uma força de 10 alemães, com metralhadoras, elementos africanos armados da sua polícia e “numeroso gentio do ex-soba Ananga” (segundo Alves Roçadas) ataca de surpresa ao nascer do dia o posto militar de Cuangar, com 2 oficiais, 12 praças europeias e 30 africanos. A maior parte da guarnição é surpreendida quando dormia fora do posto e dizimada pelo fogo de duas metralhadoras. Os portugueses lamentam a morte de 2 oficiais, 1 sargento, 5 soldados e cabos europeus e vários africanos, enquanto a restante guarnição se dispersa. O posto é saqueado.



Ilustração Portuguesa de 28 de Dezembro de 1914. Uma fotografia de Cuangar com um dos enfermeiros navais morto pelos alemães.

31/10 – Alves Roçadas manda criar a “Força em Operações no Sul de Angola”, com a seguinte composição, num misto de unidades da metrópole, de Angola e de Moçambique (Fonte: Relatório de Alves Roçadas):

Infantaria – 3º Batalhão do RI 14; 1 companhia europeia de infantaria de Angola; 15ª e 16ª Companhia Indígena de Moçambique; 16ª e 17ª companhia Indígena de Angola.

Cavalaria – 3ª Esquadrão do RC 9; 1º Esquadrão de Dragões de Angola.

Artilharia – 2ª Bateria de Montanha com peças Canet de 75 mm; bateria de montanha com peças Erhardt.

Metralhadoras – 2ª bateria do 1ª Grupo de Metralhadoras.

Serviços Diversos.

Alves Roçadas esclarece que não se podia contar com as companhias indígenas de Angola, o batalhão do RI 14 tinha sido formado à pressa por homens de várias unidades e tinha um número anormal de doentes, os Dragões e a companhia europeia angolana tinham um treino deficiente e faltava-lhes muito material que tinha sido requisitado há mais de cinco meses, mas ainda não entregue. Basta reproduzir este excerto sobre o estado do material dos Dragões, que se aplicava a outras unidades: “as carabinas, a maioria funcionava como se fossem de tiro simples; as espadas velhas e poucas, as lanças que não chegavam para o efectivo, os selins que mal confeccionados produziam tais ferimentos na agulha dos animais que ao chegar a Naulila, o esquadrão tinha já um deficit de 30% de solípedes postos de parte” (Relatório de Alves Roçadas, Relatório, Arquivo Histórico Ultramarino). Era sintomático sobre a deficiente organização da força em campanha.

Fins Outubro – A frente ocidental chega ao Canal da Mancha e estabiliza. O sistema de trincheiras vai da Suíça ao Canal da Mancha, seguindo uma linha que, no essencial, se vai manter até 1918. Ao longo dela estão milhões de homens em armas, ombro contra ombro, tornando impossível qualquer manobra que não passe por um ataque frontal a defesas preparadas.

1/11 – A expedição Massano de Amorim chega a Porto Amélia, o seu destino no Norte de Moçambique, depois de uma viagem que começou a 11 de Setembro em Lisboa. Nada estava preparado para a receber, tal como aconteceu em Angola, só que ainda em maior escala. O desembarque tem de ser feito às cavalitas de carregadores moçambicanos, enquanto o navio despeja a sua carga directamente no mar. As tropas são alojadas em palhotas sem cobertura de zinco e sem acomodações apropriadas para europeus que chegavam pela primeira vez a África. As doenças, anormalmente intensas, começam de imediato. Verifica-se então que os comprimidos de “quinino” eram meramente de farinha e as rações preparadas para a expedição eram intragáveis e uma fonte de doenças. Ao fim de escassos seis meses a expedição tinha 21% de baixas por doença, sem sair de Porto Amélia e sem entrar em combate. Portugal irá sofrer em Moçambique tantas baixas militares como na França, com a diferença que na colónia do Índico a esmagadora maioria se devem à doença resultante da má organização e da má preparação das expedições. Era o mesmo panorama em quase toda a parte.

1/11 – MAR – O esquadrão da marinha alemã no Pacífico, comandado pelo almirante von Spee, surpreende e esmaga uma força de cruzadores britânicos no Chile. Dois dos cruzadores

ingleses são afundados, enquanto um outro e um mercante armado conseguem escapar com grande dificuldade. Era uma das últimas vitórias dos pequenos destacamentos da marinha de superfície alemã que estavam espalhados pelo mundo no começo da guerra. Os Aliados formam uma série de grupos navais à volta de cruzadores de batalha para caçar e destruir estas pequenas forças.

1/11 – Sérvia. Terceira ofensiva da Áustria contra a Sérvia, que consegue ocupar Belgrado. Em começos de Dezembro o ataque é detido e os Sérvios de novo empurram os invasores até à fronteira, reconquistando a sua capital. Era a terceira derrota de grande envergadura da Áustria nesta frente.

3/11 – MAR. A Marinha alemã organiza uma série de ataques ousados a portos ingleses no Mar do Norte com cruzadores rápidos, que iludem a vigilância da Royal Navy. A Grã-Bretanha não tarda a reorganizar os seus serviços de informações navais, conseguindo quebrar as principais cifras da Marinha Alemã, o que será uma das suas grandes vantagens durante a guerra. A partir de 1915 serão os navios britânicos que surpreendem os alemães.

3 e 4/11 – A Grã-Bretanha organiza um ousado desembarque de forças indianas em Tanga, um porto da África Oriental Alemã a Norte de Moçambique. A vantagem numérica é esmagadora, mas a reacção alemã é rápida e muito eficaz, terminando o desembarque num desastre.

Começa a crescer a lenda do general Paul Lettow-Vorbeck, que em começos de 1914 era um desconhecido coronel que comandava uma reduzida força militar (cerca de 200 oficiais alemães e 3 000 Askaris de recrutamento africano, que cresceriam até aos 8 000); viria revelar-se como um dos mais inovadores génios militares do conflito. Lettow-Vorbeck, apesar de estar em minoria desde o começo, aproveita a vantagem obtida em Tanga para lançar uma série de raids ofensivos para além fronteiras, em larga medida para intimidar e desorientar os seus inimigos numericamente muito superiores. É de salientar que o governador alemão da colónia acha que a única coisa a fazer é render-se depois de uma resistência simbólica, que não poderia durar muito. Lettow-Vorbeck recusa-se a obedecer a estas ordens e segue uma estratégia muito diferente. Na sua opinião, a guerra será decidida na Europa, pelo que as reduzidas forças alemãs em África, sem comunicações com a metrópole, só podem seguir uma estratégia: prolongar a resistência ao máximo, sem a preocupação de defender território, na certeza que quanto mais forças os Aliados destacarem para África, menos terão na Europa. Os Aliados demoram muito tempo e entender as implicações desta estratégia de Lettow-Vorbeck, tão diferente de tudo o que se ensinava nas academias e as grandes derrotas que sofrem resultam de lidarem com ele como se fosse mais um general convencional. Lettow-Vorbeck revelou-se um dos principais criadores da guerra de guerrilha moderna, tal como praticada no século XX.

O ataque isolado alemão a um posto em Moçambique no Rovuma, atrás referido, deve ser entendido como um pequeno componente desta estratégia: um raid que procura obter

sobretudo um efeito psicológico de intimidação e contenção do vizinho a Sul, oficialmente neutro, mas que não escondia a sua simpatia pelos Aliados e estava a receber reforços militares da metrópole. Era um aviso lançado a Portugal, que teve o azar de encontrar como inimigo em Moçambique um dos maiores génios militares da Grande Guerra.

10/11 – A Grã-Bretanha e mesmo a França insistem para o envio imediato das peças de artilharia, argumentando que já confirmaram que a preparação da divisão como um todo seria muito demorada. Perante isto Freire de Andrade informa as representações de Londres e Paris do seguinte: “Com respeito remessa de artilharia ficou assente Conselho de Ministros que partiriam próximo domingo 48 peças de 75 mm e duas baterias a cavalo, organizando-se seguidamente divisão que deveria marchar logo estivesse devidamente preparada.

A Grã-Bretanha avisa Portugal a 13/10: “O GSM considera, porém, essencial que o GP não se abalance a declarar guerra ou publicar coisa alguma das recentes negociações entre os dois países, quer em declarações ao Congresso, quer de outra forma até que esteja realmente em condições de por as suas forças em campanha e tenha decidido em consultas com os Aliados para que ponto e de que forma essas forças poderão ser despachadas com maior vantagem”. A manobra do GSM é clara!

11/11 – Novo reforço para Angola (o terceiro). O Ministério da Guerra coloca à disposição do Ministério das Colónias uma força com:

2 batalhões de infantaria: 3º do RI 16 e 3º do RI 17, com 1040 homens cada.

1 esquadrão de cavalaria, 3º do RC 11, com 189 homens.

2 baterias (1ª e 3ª) do Regimento de Artilharia de Montanha, com 220 e 216 homens.

2 baterias de metralhadoras: 2ª do 2º Grupo e 2ª do 3º Grupo de Metralhadoras, com 48 e 46 homens.

Um destacamento de 4 enfermeiros do 3º Grupo de Companhias de Saúde.

São ao todo 2803 homens, que devem ser colocados sob o comando da 1ª expedição (Alves Roçadas).

Portugal já tinha enviado nas três expedições (2 do Exército e 1 da Armada) cerca de 4900 militares, a que havia a somar as unidades expedicionárias de Moçambique (2 companhias de infantaria) e as forças já em Angola.

11/11 – O 9º Exército alemão ataca de novo em minoria avançando sobre Lodz (Polónia). É agora comandado pelo general von Mackensen, um dos mais carismáticos, eficazes e bizarros generais da Frente Oriental. A ofensiva é uma imensa vitória para a Alemanha, embora não alcance os muito ambiciosos objectivos iniciais.

Novembro e Dezembro – Com a entrada da Turquia na guerra abrem-se novas frentes, nomeadamente na Mesopotâmia (actual Iraque) e no Cáucaso. Esta última frente é normalmente ignorada, porque a luta envolve somente a Turquia e a Rússia, deixando de fora os principais beligerantes. É uma frente especialmente dura, onde os russos se impõem nesta fase inicial, mas sem obterem resultados significativos.

22/11 – Uma força da Índia ocupa Basora mantendo aberto a rota do petróleo do Golfo Pérsico e consolidando o domínio aliado na zona dos poços de petróleo, que é hoje o Kuwait, o Irão e o Sul do Iraque. O petróleo adquire cada vez mais importância na guerra, com o crescimento do transporte automóvel, da aviação e dos navios movidos a combustíveis líquidos. O petróleo é um imenso ponto fraco dos Poderes Centrais, que não têm acesso às principais zonas produtoras. Começa o lento avanço britânico ao longo dos rios Tigre e Eufrates, que apoia a revolta árabe contra os turcos, com o centro na Península da Arábia. É uma progressão lenta com altos e baixos (os britânicos são empurrados para Sul desde fins de 1915 e demoram a recuperar a situação e tomar Bagdad). A zona de Aden é igualmente ocupada pela Grã-Bretanha. A Turquia procura responder com um ataque ao Suez, mas a Grã-Bretanha tinha-se antecipado e ocupa militarmente a zona do Canal. A Turquia, fortemente apoiada pela Alemanha, está na defensiva no mundo árabe, mas a Grã-Bretanha não coloca aí forças que permitam obter uma vitória decisiva imediata.



Capa da Ilustração Portuguesa de 16 de Novembro de 1914. Uma mãe abraça um dos marinheiros da força expedicionária para Angola – mais uma extraordinária fotografia de Benoliel.

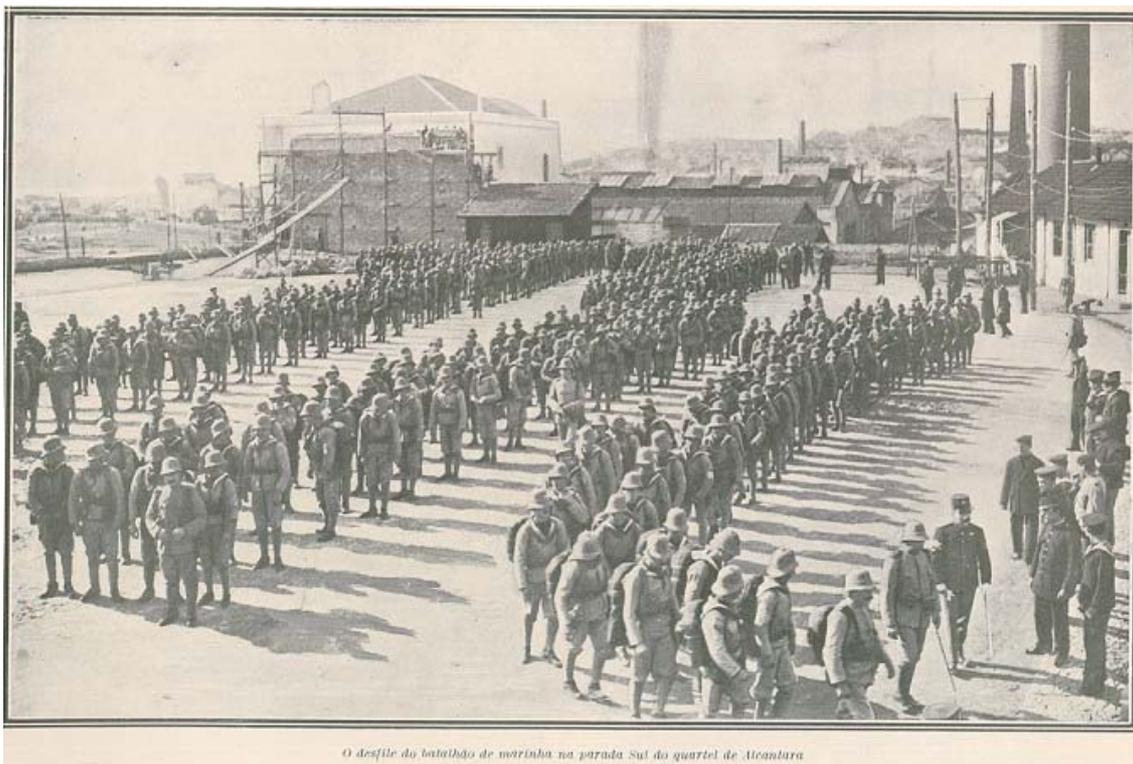
19/11 – Alves Roçadas recebe a informação que uma forte coluna alemã tinha entrado em Angola dirigindo-se para Naulila (posto português situado sobre o rio Cunene, perto da fronteira com a colónia alemã). São tomadas medidas para reforçar Naulila, mas as unidades portuguesas têm falta de tudo e precisam de aguardar longas semanas para que lhes chegue o equipamento, pelo que se movimentam muito lentamente.

24/11 – Freire de Andrade informa todas as representações de Portugal no exterior: “Congresso ontem 23 autorizou unanimemente GP intervir militarmente actual guerra ao lado Inglaterra e aliados quando e como julgar necessário nossos interesses e deveres”. O GP ainda não tinha percebido que, depois de terem seguido as peças sem os artilheiros, a Grã-Bretanha ia fazer tudo para evitar o envio da divisão que implicaria a beligerância.



*Ilustração Portuguesa de 30 de Novembro de 1914 – Benoliel, o mais notável fotógrafo português destes anos, fixou assim a reunião do Congresso que autorizou a entrada de Portugal na guerra, a 23 de Novembro.*

25/11 – No seguimento da autorização do Congresso dada a 23/11, é formalmente criada a chamada Divisão Auxiliar Portuguesa que devia ser enviada para França, embora só existisse no papel. Devia ser formada a partir das 1ª e 7ª divisões territoriais (Lisboa e Tomar) com 22 461 homens. A divisão é criada numa altura em que já não tinha hipóteses de seguir para França, devido à mudança da posição britânica. O Governo Pimenta de Castro anulava a mobilização desta divisão, em plena consonância com os desejos britânicos.



*O desfile do batalhão de marinha na parada Sul do quartel de Alcantara*

Ilustração Portuguesa de 16 de Novembro de 1914. O batalhão da Armada prepara-se para embarcar.

Dezembro – A revolta pró-alemã de boers na África do Sul é esmagada pelo general Botha.



Ilustração Portuguesa de 7 de Dezembro de 1914 – Desembarque em Moçâmedes de uma das expedições para Angola.

8/12 – A Royal Navy vingava a derrota sofrida no Chile. A esquadra de Von Spee é surpreendida por dois dos seus mais modernos e poderosos cruzadores de batalha (o *HMS Inflexible* e o *HMS Invincible*) que lhe armam uma emboscada em Port Stanley (Falkland, no Atlântico Sul). Quatro dos cinco navios de von Spee são afundados sem qualquer hipótese contra a esmagadora superioridade britânica.

12/12 – Criado em Lisboa um governo que se apelida de “Unidade Nacional” encabeçado por Vítor Hugo de Azevedo Coutinho, com a missão de levar Portugal para a beligerância. A GB não duvida que o governo manipulou as câmaras e ocultou a verdade sobre os pedidos ingleses. Sobre a situação militar interna os documentos ingleses são esclarecedores: “The army was well aware of its complete inefficiency and of the absence of all supplies and of any adequate preparation for a campaign”.

12/12 – Primeiros encontros na zona de Calueque - Naulila entre destacamentos de cavalaria portugueses e alemães, um sinal claro das intenções hostis da força alemã que entrou em Angola. A demora dos alemães em lançar o ataque deveu-se aos contactos que manteve com as populações, fomentando o seu desejo de revolta contra os portugueses. Alves Roçadas, entretanto, procurava reforçar Naulila. Algumas das unidades destacadas continuam na retaguarda a aguardar a chegada do equipamento ou armamento.

14/12 – Apesar do inverno os Aliados sentem-se obrigados a lançar uma grande ofensiva na Frente Ocidental para tentar aliviar a pressão sobre os russos. É um ataque geral numa ampla frente, desde o Canal a Verdun, que termina passados dez dias com baixas imensas e resultados muito magros. Era a primeira expressão do que seria a estratégia aliada nos dois anos seguintes: atacar em força no Ocidente, mesmo sofrendo muitas baixas, de modo a aliviar a pressão sobre a Rússia.



*Ilustração Portuguesa de 26 de Novembro de 1914 – Visita do Presidente da República à Escola de Guerra (antepassada da Academia Militar), então sob o comando do general Moraes Sarmento - um dos mais lúcidos generais portugueses, que surge à direita do Presidente. Uma imagem que simboliza a crescente sintonia entre o Presidente da República e as Forças Armadas, dirigida contra os governos guerristas. O Presidente da República considerava a política de forçar a beligerância um erro, no que era acompanhado pela esmagadora maioria do corpo de oficiais do Exército. Passado pouco tempo, tentou promover a criação de um “governo nacional” encabeçado pelo general Pimenta de Castro, que devia inverter a política guerrista. O envio de forças para África tinha o apoio da esmagadora maioria da população e das Forças Armadas, mas o mesmo não acontecia com a política guerrista de forçar a beligerância e enviar uma expedição para lutar em França.*

**18/12 – COMBATE DE NAULILA** – O mais importante e violento confronto entre portugueses e alemães em Angola.

VER TEXTO INDEPENDENTE SOBRE O COMBATE DE NAULILA

Uma força alemã de 500 europeus e 150 auxiliares operava em Angola desde Novembro e acampa frente às colinas de Calueque, a cerca de 9-10 km de Naulila. A guarnição portuguesa era numerosa: 350 militares em Calueque (240 europeus, 60 militares africanos, 30 cavaleiros e 2 peças Canet); 700 em Naulila (400 europeus, 180 militares africanos, 60 cavaleiros, 3 peças de artilharia e 4 metralhadoras), num total de 1050 militares.

O grosso da força alemã levanta o acampamento ao fim do dia de 17 de Dezembro e, sem ser detectada pelos portugueses desloca-se para Naulila, deixando para trás um pequeno destacamento no vau de Nangula, onde está um esquadrão de Dragões de Angola. Cerca das 5h da manhã começa o ataque a Naulila, com total surpresa e pelo lado menos esperado (o Nordeste). A defesa portuguesa está dispersa em várias concentrações à volta do posto, com a

parte mais significativa virada para Sul, de onde se esperava que surgisse um eventual ataque alemão. As forças portuguesas resistem ao fogo, feito de longe, e perdem a iniciativa desde o primeiro momento, recuando e não se conseguindo concentrar.

O esquadrão de Dragões de Angola, assim que se apercebe do começo do combate para os lados de Naulila, dirige-se na direcção do fogo. Os cavaleiros, comandados pelo tenente Aragão, inflectem depois na direcção de Naulila, carregando sobre uma bateria de artilharia alemã pela retaguarda. Conseguem algum sucesso inicialmente, mas a concentração do fogo das metralhadoras e da infantaria alemã acaba por os repelir com grandes baixas, entre as quais está o seu comandante.

Ao fim de quase quatro horas de combate, Alves Roçadas ordena a retirada da força principal (que comanda) para Norte, retirando igualmente os outros destacamentos como podem. Os alemães tomam Naulila, que saqueiam e incendeiam, retirando em seguida para o seu território, sem intenções de perseguir as forças portuguesas.



Obus de artilharia de montanha Erhardt, usado em Naulila. Ilustração Portuguesa, 15 de Março de 1915.



O posto de Naulila, ainda com vestígios do incêndio provocado pelos alemães e com dois dos camelos aí existentes. Ilustração Portuguesa, 22 de Fevereiro de 1915.

O grande problema português foi o de ter encarado os alemães como se fossem o tradicional inimigo africano a que estavam habituados, o que levou a que fossem sistematicamente surpreendidos de um ponto de vista tático. Não havia, por exemplo, trincheiras apropriadas para enfrentar um ataque apoiado por metralhadoras e artilharia; não se tinha desbastado o mato perto de Naulila, segundo diz Alves Roçadas por falta de material, o que permitiu à infantaria alemã fazer tiro a coberto da vegetação espessa a pequena distância do posto; as obras no posto não estavam completas; a guarnição encontrava-se dispersa por vários pontos externos de defesa, estando os mais fortes virados para Sul, de onde seria de esperar que surgisse um ataque (por isso mesmo, não surgiu); não havia patrulhas nocturnas, pensando os portugueses que de noite era impossível a deslocação de uma força europeia no mato africano – foi justamente o que os alemães fizeram.

As baixas portuguesas são importantes: 3 oficiais e 66 praças mortos (54 dos quais europeus); 5 oficiais e 71 praças feridos (com 61 europeus); 3 oficiais e 34 praças prisioneiros dos alemães (ao todo 182 homens, ou 26% da força em Naulila) – Alves Roçadas não menciona desertores ou desaparecidos. O rácio entre os prisioneiros e os mortos/feridos é revelador sobre a violência do combate e a forte, mas pouco eficaz, resistência portuguesa. As baixas alemãs foram menores: 12 mortos e cerca de 30 feridos, entre os quais o major Frank, que comandava a força.

Naulila foi o maior combate entre portugueses e alemães em Angola tendo permitido constatar as grandes deficiências portuguesas neste teatro: falta de organização e apoio logístico (a força em Naulila só tinha uma parte das munições previstas), equipamento insuficiente onde muito do que era essencial faltava (como equipamento para cavar abrigos e trincheiras), dificuldades de concentrar as forças (algumas unidades estavam na retaguarda à espera de equipamento que devia ter chegado há semanas, pelo que a força em Naulila era menos de um terço do total no Sul de Angola, enquanto os alemães estavam concentrados),

dificuldades no reconhecimento, hostilidade das populações que se revoltariam de novo contra os portugueses, deficiente mobilidade (toda a força alemã operava a cavalo, mesmo a infantaria, que se deslocava a cavalo e combatia a pé), tácticas incorrectas que funcionavam contra um inimigo africano mas não estavam adaptadas a um inimigo europeu. A isto acresce o facto de se enfrentarem os alemães, com tácticas modernas e perfeitamente adaptados à luta naquele teatro: o movimento alemão semanas antes só muito parcialmente foi detectado pelos portugueses, a concentração das forças alemãs foi uma surpresa, o seu movimento nocturno na direcção de Naulila não foi detectado, o ataque inicial surpreende por completo os portugueses e é lançado pelo lado menos defendido (o que mostra que os alemães conheciam bem o dispositivo português), a táctica de ataque alemã (com fogos certos, concentrados e de longe) surpreende por completo os portugueses. É este conjunto de situações adversas que explica que os alemães tenham tomado uma posição com defesas preparadas com grande antecedência, lançando o ataque com uma força que era cerca de metade da portuguesa e, apesar disso, só tendo sofrido cerca de um terço das baixas nacionais.

Isto dito, é preciso acrescentar que a força portuguesa, surpreendida em Naulila, se bateu com determinação e valor, mantendo a coesão apesar das condições adversas, aguentando um combate de quatro horas antes de o destacamento principal, directamente comandado por Alves Roçadas, se ter retirado de forma organizada. O pequeno número de prisioneiros, em relação aos mortos e feridos, mostra que a resistência portuguesa foi firme e valorosa tendo em conta a situação que enfrentava, não tendo conseguido manter a posição pelas condições adversas já referidas. A acção dos Dragões de Angola merece especial destaque. O tenente Aragão mostra iniciativa desde o primeiro momento, assumindo uma atitude ofensiva mesmo sem ordens para tal, lançando uma carga, muito ousada e perigosa, contra as peças alemãs em Naulila, isto com um esquadrão enfraquecido e com fortes deficiências de equipamento (as selas feriam os cavalos e as carabinas de repetição, na sua maioria, só podiam ser usadas como se fossem de tiro simples, para mencionar somente dois factos). Em termos gerais, embora Naulila fosse uma derrota dos portugueses, a força em operações portou-se com energia e valor, mantendo no essencial a coesão num combate prolongado e obtendo no final um resultado melhor que o dos futuros combates em Moçambique.

Naulila, em resumo, prova as grandes deficiências da beligerância portuguesa e as dificuldades de aguentar um combate contra um inimigo bem preparado e comandado. Os portugueses tinham uma força muito dividida, sem o material e equipamento apropriados, sem apoio logístico, sanitário, de comunicações ou outro, num território recentemente pacificado onde as populações eram potencialmente hostis e se viriam a rebelar de novo (ainda em Abril de 1914, poucos meses antes da guerra, se tinham registado combates contra africanos na zona). Naulila mostra igualmente o valor e determinação dos militares que combatiam nessas condições criadas por um ambiente operacional politicamente envenenado, muitos deles indo até ao sacrifício da própria vida.

Fins de Dezembro - Alves Roçadas ordena a retirada geral de todas as pequenas guarnições da zona do Cuamato, segundo afirma para “cobrir o mais rapidamente possível o acesso ao

planalto, quarneendo quanto antes o ponto estratégico da Cahama” – o que significa que esperava uma invasão alemã de Angola que se dirigisse para Norte. A retirada portuguesa é apressada pela explosão do paiol de Forte Roçadas, a principal guarnição portuguesa na retaguarda de Naulila.

Os alemães não mostram qualquer intenção de avançar em Angola e, uma vez saqueada Naulila, regressam ao seu território, onde se preparam para enfrentar a ofensiva sul-africana, que os pressiona a partir do Sul. Tinham aproveitado a incursão para promover a rebelião das populações, a quem entregam parte do armamento capturado aos portugueses. As populações africanas iniciam o saque das instalações portuguesas de imediato, tendo atacado e morto alguns portugueses nos pequenos grupos isolados que retiravam para Norte.

30/12 – O 2º Esquadrão de Dragões de Angola envia um pelotão em exploração para Sul. A pequena força é atacada por africanos armados e obrigada a retirar, tendo sido morto o 1º sargento Rodrigues, que a comandava, e vários praças.

A África do Sudoeste Alemã é ocupada pelos Sul Africanos nos primeiros meses de 1915 e os alemães não regressam a Angola. As campanhas portuguesas em Angola continuaram por muitos anos, pois a frágil pacificação do Sul desfaz-se com o recuo apressado de todo o dispositivo militar.



*O embarque de expedicionarios no Arsenal de Marinha. —(«Cliché» Denollot)*

Ilustração Portuguesa de 14 de Dezembro de 1914 – Embarque de uma nova expedição para Angola no Cais do Arsenal da Marinha.



Ilustração Portuguesa de 21 de Dezembro de 1914 – Um batalhão expedicionário para Angola do RI 17 formado em Santa Apolónia, antes de embarcar (foto de Benoliel).

Fins de 1914 – A guerra dos grandes números: os poderes centrais mobilizam 11,5 milhões de militares contra os 8,6 milhões da Entente (3,5 da França, 4,4 da Rússia, 0,7 da GB).

As baixas em escassos cinco meses de combates excedem já as das guerras napoleónicas, o maior conflito da humanidade até então:

- na Frente Ocidental os aliados lamentavam 1 milhão de baixas; os alemães 657 000;

- na Frente Oriental os alemães sofreram 275 000 baixas, os austríacos cerca de 1 milhão e os russos cerca de 1,8 milhões;

- na frente dos Balcãs as baixas eram de 170 000 para a Sérvia e 225 000 para a Áustria.

A estes números esmagadores havia ainda que somar as baixas em África, no Oriente e no mar. E eram somente os primeiros cinco meses!

## PORTUGAL – UM BALANÇO DE 1914

Em Portugal as divisões eram maiores do que nunca e não tardariam a dar origem ao primeiro governo “do Exército”, que inverte a política guerrista – Pimenta de Castro, em Janeiro de 1915. O corpo de oficiais do Exército, em particular, era o centro da resistência à política dos guerristas, considerada desastrosa para Portugal e contava com o apoio do Presidente da República e de importantes forças da sociedade. O discurso oficial guerrista, segundo o qual a Grã-Bretanha exigia a beligerância e o envio de uma força para França em nome da Aliança, começava a ser denunciado por certas vozes (como Brito Camacho, chefe do Partido Unionista – um dos três partidos que sai do desfeito Partido Republicano Português) como uma mentira, enquanto Londres “proibia” o Governo de a repetir e fazia tudo para impedir a beligerância.

Os partidos republicanos estavam divididos, com os guerristas concentrados no Partido Democrático, o Partido Unionista dominado pelos anti-guerrista e o Partido Evolucionista fracturado praticamente a meio. Monárquicos, católicos e sindicalistas eram no essencial anti-guerristas. As tonalidades entre guerristas e anti-guerristas eram muitas, com uma pulverização de vontades e inúmeros pequenos grupos que não tardaram a enveredar pelas conspirações. Para os guerristas ferrenhos, os anti-guerristas eram todos monárquicos, germanófilos e traidores aos deveres da Aliança. A realidade era muito diferente: a esmagadora maioria dos anti-guerristas e dos monárquicos simpatizava com a Grã-Bretanha (a começar por D. Manuel) e os dirigentes republicanos estavam praticamente divididos a meio. A arte dos guerristas era a de tentar atrair uma parte dos anti-guerristas para o seu lado da barricada, dizendo que do outro lado só havia germanófilos e monárquicos. A esmagadora maioria dos anti-guerristas era da opinião de Brito Camacho ou de Sidónio Pais (ambos do Partido Unionista): Portugal devia reforçar África e defender-se de todos os ataques; devia igualmente cumprir tudo que a Grã-Bretanha lhe pedisse em nome da Aliança; simplesmente, isto não implicava a beligerância, que o Aliado não desejava, nem implicava enviar uma força para França, um tipo de guerra para que não se estava preparado.

A “guerra civil” larvar, que se prolongou até 1919, já tinha começado com as movimentações de Mafra, mas iria assumir proporções muito maiores em 1915, com as mais sangrentas lutas internas de toda a República – mais de 200 mortos em combate em Maio, excedendo o 5 de Outubro ou a revolução de Dezembro de 1917.

O esforço militar português tinha-se concentrado em África, muito em particular em Angola, para onde seguiu uma importante força expedicionária, superior aos efectivos da vizinha colónia alemã – o que tinha o apoio de quase todos, tanto os guerristas como os anti-guerristas.

As primeiras derrotas militares tinham igualmente surgido em 1914, nomeadamente em Naulila, e eram muito significativas sobre as dificuldades de aplicar a política guerrista: a grande divisão interna, a oposição aberta e frontal da maioria do corpo de oficiais, a forma como o regime desorganizou e minou a instituição militar desde 1910, a geral falta de preparação para enfrentar aquele tipo de inimigo, as deficiências de equipamento e o facto de se estar completamente dependente da boa vontade externa para a sua renovação, a falta de uma base industrial, a falta de transportes, as dificuldades de financiamento e logísticas.

O pior de tudo para os guerristas era a realidade internacional. A política guerrista exigia que se forçasse o principal aliado (Grã-Bretanha) a fazer algo que ela não queria e a pedir algo que sabia perfeitamente que Portugal não tinha dimensão, preparação e unidade política para dar, sobretudo quando dirigido por aquela gente e por aquele regime. O grande trunfo dos guerristas tinha sido a França, devido à sua política de fazer tudo que dificultasse uma eventual paz de compromisso da Grã-Bretanha com a Alemanha, sendo Portugal um excelente trunfo para tal. O grande problema internacional dos guerristas continuava a ser a Espanha, até porque a Grã-Bretanha lhe dava uma crescente importância.

Todos os factores da tragédia nacional que foi a beligerância estavam já patentes em 1914, mas o processo ainda dava os primeiros passos.

**Portugal era um pequeno poder que queria forçar a sua entrada num combate de grandes para que não estava preparado, nem correspondia aos seus recursos, empurrado por uma minoria política que via na guerra uma oportunidade para se consolidar no poder e estava a erguer contra si a maioria da população e das Forças Armadas, apoiadas nesta altura pelo Presidente da República – esse era o problema de fundo, já evidente nos acontecimentos de 1914.**